



Um cenário urbano da Ribeira. Os casarões da Rua Chile tinham como marca de sua origem, os balões de ferro com grades art nouveau. Muitos deste prédios ainda podem ser vistos, mas que pelo tempo de vida, apresentam desmanches.

Natal, cidade nostálgica é uma foto na parede

Texto Salésia Dantas
Reprodução Moraes Neto

Natal nostálgico, tranqüilo, de ruas serenas. De longas conversas em bancos de pracinhas. De senhores de chapéus e ternos sóbrios, de mulheres bem trajadas, elegantemente vestidas a toda hora. Dos raros carros de marcas estrangeiras que circulavam pelas avenidas, formadas por residências de linhas aristocráticas, que guardavam conversas e segredos familiares, sem intromissões da mídia, com exceção das respeitadas ondas sonoras do rádio.

Foi dentro desta ótica que o arquiteto João Maurício de Miranda fez um registro da história fotográfica da cidade, retratando um Natal de antigamente, através das imagens que datam do período 1599 a 1979 pertencentes ao acervo deixado pelo jornalista, jurista e historiador Manuel Dantas, um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. A intenção do documentário foi mostrar as transformações porque vem passando a cidade, numa constituição de espaços e cenários nostálgicos. Nele o convite para um passeio através do tempo pelos principais recantos, atestado de preservação histórica.

Para copilar os fatos junto às fotos, Maurício de Miranda levou horas em conversas com seu pai João Virgílio de Miranda, absorvendo de suas memórias, narrativas que tão bem conheceu. Yvette Palumbo, fi-

co. De Hélio Galvão, a utilização do arquiteto. Até da Biblioteca Nacional veio material para que o arquivo cumprisse este compromisso de imprimir e resgatar grande parte de Natal antiga.

SIMPLICIDADE — Do material escolhido do acervo de Manuel Dantas, fotografias com as quais preparou, pensando num trabalho de comparação 50 anos mais na frente, embora não tenha alcançado, Miranda selecionou os principais aspectos de Natal vivida por um clima pacato, quando suas ruas não transpareciam as emoções de pressa e de competição, com as pessoas carregando semblantes sobrecarregados de preocupações. Enfim, momentos de uma cidade de vida simples, onde se caminhava devagar, dos namoros nas janelas, das caminhadas para a missa aos domingos e procissões. Era a conservação da inocência dos seus reduzidos habitantes.

O álbum faz lembrar aos mais antigos, as vivências e lembranças da cidade, ao exemplo do que foi narrado pelo escritor potiguar Humberto Peregrino, em seu livro "Crônica de Uma Cidade Chamada Natal" — editado pela Clima, em 1989. Ao se referir ao bairro da Ribeira, ele ressaltava: "Faz de conta que estamos em Natal do tempo em que o comércio da cidade se concentrava no bairro da Ribeira. Lá embaixo, onde se localizavam também as estações ferroviá-

mais completo comércio de Natal. Quem quisesse fazer compras de certo vulto, devia descer à Ribeira. E quem a descesse pela Junqueira Ayres, havia de fatalmente desembarcar na Praça Augusto Severo. E ultrapassando-a, em demanda da avenida Tavares de Lira, destinado a alcançá-la na cabeceira que dá para a igreja do Bom Jesus".

Mais adiante, em seu livro de crônicas, Humberto Peregrino se faz reconfortado, ao citar que a cidade se dilatou, incorporou os modernos padrões do progresso, "opulentou-se, mas não se desfigurou, não ficou besta. E se tem podido resistir, se suportou o impacto da última guerra quando sofreu verdadeira invasão de costumes e de gente estranha, podemos contar com a sua resistência".

Porém Natal mudou muito, conforme se pode comparar pelo trabalho editado em álbum pela Editora Universitária em 1981, dedicação de João Maurício à sua cidade. Os aspectos tomados pelas antigas lentes de Manuel Dantas, a impulsos rápidos ela foi se transformando e as edificações góticas, barrocas e espaçosas cederam lugar aos espigões que enclausuraram as já reduzidas famílias, em obediência aos novos padrões do crescimento arquitetônico vertical.

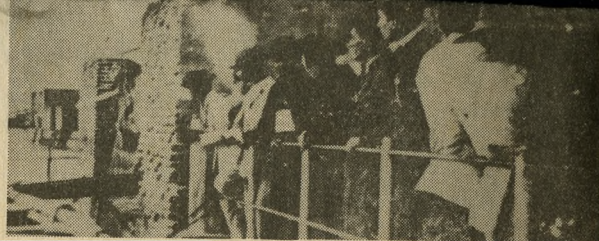
Suas ruas, outrora tranqüilas e desertas viraram burburinho, onde um trânsito caótico faz vítimas diárias e os habitantes convivem com a síndrome da



A Matriz do Bom Jesus das Dores, com sua arquitetura barroca era situada entre coqueirais que circundavam a área já se destinando à Lagoa do Jacó, atualmente aterrada, tomando a direção da orla marítima. Da fachada original da igreja pouco resta, alterada em sua totalidade pela aposição de azulejos.



Outro aspecto da Rua Chile, cruzando com a Frei Miguelinho, local dos passeios ao cair da tarde. O chapéu era complemento dos ternos de linho e casemira na indumentária dos homens e os longos, os saltos altos e também chapéus de formas variadas, formavam o chic do vestir feminino.



O Cais da Tavares de Lira, em fotografia de 1911, que segundo Câmara Cascudo, teve como primeiro nome Pedro de Barros. Era tradicional na cidade, os passeios familiares até o local, para apreciar o pôr do Sol no Rio Potengi e a chegada dos navios de bandeiras estrangeiras, em sua maioria. Como proteção, as muretas de ferro em forma de grades.

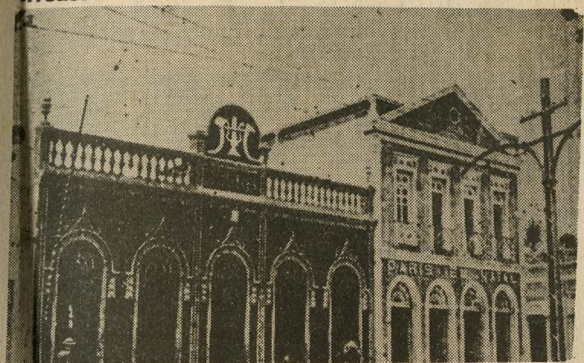


As solenidades cívicas eram um marco na presença da população. A foto mostra o momento da inauguração da Delegacia de Polícia da Ribeira pelo então governador Ferreira Chaves, em seu período de governo de 1914, que se estendeu a 1920. A guarda militar fazia as honras à autoridade.

lumbo, que lhe enviou de Cabo Frio, vasto material fotográfi-



A atual Frey Miguelinho, recebeu primeiramente a denominação de Rua da Tatajubeira, passando em seguida à rua 13 de Maio. Na foto, um lance da esquina com a Avenida Tavares de Lira. Os largos e altos janelões preenchiam todo o lado das casas térreas.



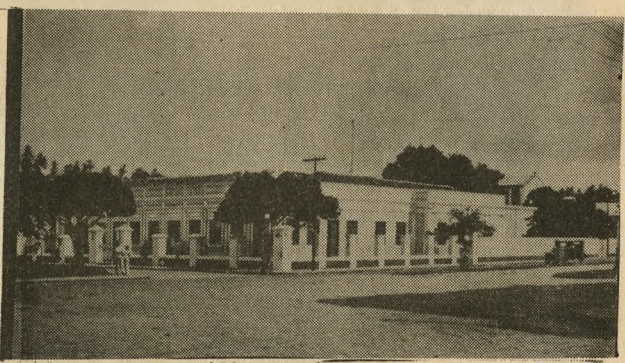
Natal já registrava costumes europeus. A população assistia sessões de cinema no Polytheama, inaugurado em 1911. Ao lado, a casa de moda "Paris em Natal", do comerciante Aureliano de Medeiros, dava-se ao luxo de vender produtos importados, vindos dos navios que atracavam no porto.

Central, o porto, os hotéis. Onde estava o mais vantajoso e o

violência, vinda através dos assaltos e desrespeitos aos costumes tradicionais.



Outro ângulo do cais, o Largo Pedro de Barros, num flagrante que focaliza a Rua Tavares de Lira, esquina com a Doutor Barata. O comércio ia sobrepunhando-se ao progresso da cidade e várias casas comerciais se instalaram.



Nesta ampla residência, protegida por pilastras ao redor do muro baixo, na esquina da Rua Sachet com a antiga Praça Leão XIII, residiu o capitão José da Penha, que posteriormente teria nome de praça no bairro da Ribeira, em frente à Igreja do Bom Jesus das Dores. A casa também abrigou a família Câmara Cascudo, por algum tempo, e onde o folclorista passou grande parte de sua infância.